

Discurso encerramento do Dr. Manso Neto

Madrid, 7 de Outubro

Começando por subscrever o agradecimento aos Sr. Directores Gerais por terem estado aqui presentes, e a todos os que colaboraram nesta sessão e permitiram que fosse viável, queria dizer só umas palavras, não tenho a pretensão de procurar fazer uma síntese desta reunião, que acho que é quase humanamente impossível, só queria fazer a seguinte reflexão, alguém que visse o programa da reunião podia pensar que hoje estávamos a falar de coisas a médio prazo, de coisas que haveriam de acontecer no futuro e, de facto, discutimos coisas a médio prazo muitíssimo importantes, discutiu-se o peso das renováveis, discutiu-se o veiculo eléctrico, discutiu-se as novas redes inteligentes, discutiu-se o mercado integrado mais largo que o Mercado Ibérico, mas o que também concluímos hoje muito claramente é que todos esses problemas ou todos esses desafios, como queiramos chamar, que se vão pôr a médio prazo não se vão pôr a médio prazo, já hoje estão sobre a mesa e ao fim e ao cabo o que estamos aqui a ver é que aquilo que estamos a dizer que vai mudar o paradigma do futuro, esse paradigma já mudou, já mudou e eu não quero mais uma vez ser exaustivo.

Primeiro: aquilo que antigamente se dizia, o antigamente se calhar era há dois anos, que o que era importante era produzir bem, com eficiência e depois a procura havia de lá estar, já estamos a ver que hoje não é assim, a procura não está lá necessariamente, que a potência, a viabilização dos grupos clássicos através da produção não é suficiente. Também hoje em dia dizer que há objectivos a médio prazo de estruturas energéticas, esses objectivos a médio prazo, que existem, também são decisões que têm de se tomar hoje, ou seja, o que eu quero dizer com isto é que quando hoje estivemos aqui a discutir questões de médio prazo, o que ao fim e ao cabo concluímos é que não estamos a discutir questões de médio prazo, estamos a discutir as questões que nos preocupam hoje, e daí que, se eu tivesse de escolher três, isto para tentar ser sintético, mas se tivesse de escolher hoje 3 elementos de uma agenda regulatória, e tendo em conta tudo o que ouvimos hoje, eu talvez escolhesse o seguinte:

- Primeiro: se temos um problema de procura, se essa procura é cada vez mais importante, uma das primeiras coisas que tem de ser feita é eliminar todas as restrições que haja a que a procura

não seja satisfeita da forma mais eficiente. Em Espanha fizeram-se progressos notáveis no fim das tarifas, no fundo ficou uma tarifa social que tem pouca expressão quantitativa e em que o ajuste social não se contesta. Em Portugal, pelo contrário, temos de andar ainda bastante e, já temos dito isso, um momento fácil para liberalizar é este, quando os preços estão baixos, porque quando os preços estão altos nunca se liberaliza. Assim, eu diria que, para este primeiro elemento da agenda regulatória, é fundamental tirar qualquer concorrência que não seja de mercado na satisfação da procura; eu diria que acabar com as tarifas é fundamental, na componente portuguesa, como aliás temos falado várias vezes, e este é o momento.

- Segundo ponto: precisamos de térmicas de back-up e esse parece-me também muito claramente outro ponto porque o paradigma diz que as térmicas não se rentabilizam no mercado. Hoje em dia as térmicas são precisas e são precisas hoje como vão ser precisas daqui a uns anos, em 2020, mas também já são precisas hoje e embora os cálculos sejam muito díspares, alguns cálculos apontam, como ouvimos hoje aqui, que vão ser precisos ainda mais investimentos, donde é necessário hoje, já(!) atalhar o problema de ter as térmicas disponíveis, até para não virem depois soluções de fecho de centrais. É fundamental que o sistema, se precisa destas térmicas, as comece desde já a reembolsar. Em Espanha o problema está insuficientemente resolvido porque embora haja uma garantia de potência ela é insuficiente. Em Portugal não está de todo resolvido, estamos a falar de grupos portugueses que são feitos, e isto é muito importante, foram feitos numa determinada expectativa de harmonização ibérica que não se cumpre. É de facto, um ponto muito importante o tratamento de permitir aos grupos ibéricos que a potência térmica esteja disponível em 2020 sim, mas também já hoje! Para que se façam novos investimentos é determinante a uniformização da garantia de potência e a sua generalização.

- Terceiro ponto: tem a ver com a perspectiva, hoje, e este será o terceiro elemento da agenda regulatória que eu elegeria, de como é que nós queremos o 2020, porque a directivas comunitárias definem grandes linhas e essas linhas têm de ser cumpridas, mas há alguns pontos que ficam por aí abertos, pontos que eu também gostaria que fossem referidos:

- Primeiro há que ter cuidado com as uniformizações excessivas. Aliás hoje foi aqui referido, e bem do meu ponto de vista, que os incentivos não são iguais para todas as tecnologias, os incentivos para a mesma tecnologia não têm de ser iguais em todos os países, ou seja, penso que para que atinjamos adequadamente os objectivos comunitários que todos defendemos, é

importante que se deixem graus de liberdade aos países para definir um mecanismo de apoio de mercado. Creio que afastar fundamentalismos é fundamental.

- Segundo ponto que me parece muito importante, e se isto é importante para Espanha para Portugal se calhar é muito mais importante, diz respeito a uma directiva que não tenho a certeza de que tenhamos falado hoje com suficiente pormenor, e que tem a ver com a revisão da directiva de grandes instalações de combustão. Sobretudo no momento em que é tão difícil rentabilizar o parque térmico é muito importante que a nova directiva de grandes instalações de combustão, que define a emissão de resíduos, tenha um tratamento que permita assegurar uma transição adequada do carvão. Acho que seria muito negativo, quer para Portugal quer para Espanha - e eu penso que a Presidência Espanhola poderá ter um papel aqui importante - que a directiva que venha a ser publicada não saia em linha com os últimos desaires que temos visto. Creio que isto é determinante para que em Portugal, de uma maneira adequada, mas em Espanha ainda mais, se possa garantir uma transição adequada a nível das centrais a carvão, que não ponha obviamente em causa os limites de emissão definidos para o CO₂.

- O último ponto é uma coisa que diz respeito muito a Portugal, mas não tenho a certeza até que ponto é que diz respeito a Espanha, mas a Portugal diz muito. Falámos muito hoje de hidráulica, falámos muito hoje de eólica, falámos muito hoje de pontas e bases, a hidráulica foi aqui referida como extremamente importante pela sua capacidade, donde é muito importante que se eliminem os obstáculos não razoáveis. Quando digo não razoáveis é que hoje já há normas ambientais que têm de ser respeitadas, que há 30 anos mal existiam e que agora têm de ser respeitadas. Em todo o caso, o seu respeito não pode inviabilizar projectos muitíssimo importantes para Portugal, onde estávamos mais atrasados, mas também importantes para Espanha. Relativamente a reforço de potências e a repotenciações é importante que a hídrica esteja na grelha.

Haverá outras conclusões mas eu escolheria estas 3: o problema é de hoje e é comercial, isto é, tirar todos os limites à procura, viabilizar as centrais térmicas de back-up e contribuir hoje para o desenho do futuro.

São as grandes conclusões deste debate para o qual agradeço mais uma vez a colaboração da UNESA estando consciente de que nós todos, na ELECPOR, fizemos o nosso melhor. A todos os presentes muito obrigado.